

## **A ESCUTA PSICANALÍTICA DE SUJEITOS SOBRE VIR-A-SER HOMEM, NEGRO E HOMOSSEXUAL**

PSYCHOANALYTIC LISTENING TO SUBJECTS ABOUT BECOMING A MAN, BLACK AND HOMOSEXUAL

**Lucas Emanuel Costa de Souza Florêncio<sup>1</sup>, Halanderson Raymisson da Silva Pereira<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Bacharel em Psicologia. Pesquisador do Centro de Estudo e Pesquisa da Subjetividade na Amazônia – Universidade Federal de Rondônia (CEPSAM-UNIR).  
Contato: emanuelucas.costa@gmail.com

<sup>2</sup>Doutor em Psicologia. Docente de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia. Vice-Líder do Centro de Estudo e Pesquisa da Subjetividade na Amazônia – Universidade Federal de Rondônia (CEPSAM-UNIR).  
Contato: halandersonpereira@gmail.com

**Editor-associado:** Emellyne Lima de Medeiros Dias Lemos

**Recebido em:** 10/08/2023

**Aceito em:** 28/03/2025

**Publicado em:** 08/12/2025

**Citar:** Florêncio, L. E. C. de S., & Pereira, H. R. da S. (2025). A escuta psicanalítica de sujeitos sobre vir-a-ser homem, negro e homossexual. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 13(2), 77-98.

### **Resumo**

Este estudo propõe uma análise das narrativas de sujeitos que se identificam como homens negros e homossexuais. Participaram da pesquisa três sujeitos com idade entre 18 e 26 anos. Como estratégia de construção de dados, foi utilizada entrevista não diretiva. A análise de discurso de linha francesa, em sua articulação com vertente teórica psicanalítica, foi empregada como método de tratamento dos dados. Os recortes interpretativos indicam que as formações ideológicas, oriundas de múltiplos discursos do ordenamento social, propõem normalizar e normatizar uma relação simétrica e supostamente congruente entre sexo biológico, semblantes de gênero, posição sexuada e orientação sexual. A escuta do sujeito em psicanálise, porém, destaca o caráter não naturalizado da sexualidade, sua dimensão perversa e polimorfa em uma acepção freudiana, em que o gozo se rebela contra qualquer normatização. Nota-se a necessidade de novas pesquisas em relação à temática, que ampliem e proporcionem maior escuta destes sujeitos duplamente marginalizados.

**Palavras-chave:** homossexualidade; homem; negro; racismo; psicanálise.

### **Abstract**

This study proposes an analysis of the narratives of subjects who identify themselves as black and homosexual men. Three subjects aged between 18 and 26 participated in the research. As a data construction strategy, a non-directive interview was used. French discourse analysis, in conjunction with psychoanalytic theoretical aspects, was used as a data processing method. The interpretative excerpts indicate that ideological formations, originating from multiple discourses of the social order, propose to normalize and standardize a symmetrical and supposedly congruent relationship between biological sex, gender appearances, sexual position and sexual orientation. Listening to the subject in psychoanalysis, however, highlights the non-naturalized nature of sexuality, its perverse and polymorphous dimension in a Freudian sense, in which enjoyment rebels against any normalization. There is a need for new research on the topic, which expands and provides greater listening to these doubly marginalized subjects.

**Keywords:** homosexuality; man; black; racism; psychoanalysis.

## **Introdução**

A sexualidade humana é entendida como uma construção social, cuja origem não encontra explicação apenas na natureza, mas no momento histórico e cultural, que influencia a constituição dos sujeitos (Gross & Carlos, 2015). Encontra-se, contemporaneamente, uma polissemia discursiva, mantenedora de ideias e modelos propostos como científicos, biologizantes e naturalizantes das múltiplas expressões e vivências da sexualidade. Enquanto formalização discursiva, a sexualidade é permeada por hierarquizações e classificações fundamentadas em oposições entre masculino/feminino e ativo/passivo. Tais lógicas contribuem para instituir a heterossexualidade como modelo único de identidade sexual “saudável”, inserindo a homossexualidade como subversão/perversão da regra instituída.

Butler (1990/2003) aponta que, tradicionalmente, as sociedades ocidentais estão baseadas no contexto binário dos sexos, regidos pela heteronormatividade. A partir dessa norma, estabelecem-se características anatômicas-fisiológicas, nomeações sociais de gênero, desejos e práticas sexuais que se enquadram na normalidade imposta. Sujeitos que se constituem de outras formas, apresentando uma incoerência entre gênero, práticas sexuais, masculino e feminino, acabam fadados à invisibilidade e à patologia (Cossi & Dunker, 2017). Segundo Butler (2016), homens e mulheres estão sujeitos a uma heterossexualidade compulsória como base fundamental das trocas sociais, tendo o casamento e a formação da família como base de reprodução da sociedade; tal lógica impacta a legalização das uniões homoafetivas.

Apesar de se localizar maior diálogo entre os discursos sobre a homossexualidade, principalmente a masculina, nossa sociedade permanece definindo como “natural” e “normal” somente as relações sexuais/amorosas entre homens e mulheres (Vieira & Peres, 2015). Aos que vivem a homossexualidade, expressando-a publicamente, são comuns relatos de preconceções dos modos de vida, preconceitos e processos de marginalização.

Com relação ao sujeito negro, além dos preconceitos vividos por desviar-se de uma sexualidade normalizada, ele carrega em seu corpo as ideias racializadas que, devido à cor de sua pele, o inferiorizam em sua constituição – física, moral, psicológica e intelectual – em relação a sujeitos considerados superiores, no caso, brancos. De acordo com Kon et al. (2017), os ideais coloniais como consequência do processo de escravização de sujeitos negros e a visão marginalizada desses são reforçados.

Frantz Fanon (1952/2008), escritor negro e martinicano, indica que persiste a percepção colonial de que o homem negro é associado a uma potência sexual exagerada, muitas vezes estereotipado como detentor de um “grande pênis”. Caso essa imagem não seja vinculada a um atributo físico específico, é frequentemente ligada a uma suposta potência sexual capaz de ameaçar a

sexualidade branca. Tal representação cria a imagem de um ser robusto, dotado de uma sexualidade intensa, caracterizado por viver exclusivamente para a satisfação de desejos, em detrimento de estabelecer relacionamentos significativos (Conrado & Ribeiro, 2017).

Nesse sentido, o ser homossexual e negro é atravessado por desqualificações plurais, estigmatizado pela representação da raça inferior e objetificado sexualmente. Ademais, é discriminado entre negros e brancos, pela concepção negativa da sexualidade contra hegemônica (Lima & Cerqueira, 2012). Convém ressaltar que Fanon (2008) valia-se de uma pluralidade epistemológica e teórica para construir suas ideias anticolonialistas, utilizando-se da psicanálise como uma ferramenta importante nesse trabalho. Sua concepção de sexualidade deriva da compreensão freudiana do caráter perverso-polimorfo das expressões sexuais.

Freud, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), reformula a ideia sobre sexualidade. Culturalmente, a sexualidade dita “normal” seria aquela útil para a conservação da espécie, num ideário evolucionista e, do contrário, seria uma perversão. Freud utiliza o termo perversão para designar a sexualidade não no sentido patológico, mas no sentido da busca pelo prazer, o que subvertia as normas instituídas em sociedade. Ao conceituar a sexualidade de forma inédita, representando-a através dos destinos da pulsão, ele assina a tese de que a sexualidade humana é estruturalmente desnaturalizada. As pulsões não podem ser reduzidas à biologia, elas se constituem por apoio na satisfação das necessidades e não possuem um objeto pré-determinado a serem direcionadas (Fuck & Rudge, 2018).

A teoria psicanalítica apresenta a escolha do sexo e de objetos sexuais do ser humano como uma construção, por ter seu *habitat* na linguagem e na relação com o Outro, uma montagem de processos inconscientes. A forma como o sujeito goza, uma variante da sua vida sexual, como toda forma de gozo sexual, é incompleta, marcada pela castração (Quinet & Jorge, 2020). Se na psicanálise não há a normatização da sexualidade, tão menos haveria a naturalização de quaisquer outros preconceitos, como os relacionados à raça e suas implicações sexuais. Essa vertente teórica apresenta uma posição que torce os pensamentos normatizadores e as representações sociais que homossexuais e negros carregam em nossa sociedade. O foco é o sujeito do inconsciente, tendo a palavra como via de acesso à mensagem objetivada.

Ao considerar esses tensionamentos e antagonismos discursivos em relação à sexualidade, este trabalho propõe a análise e a reflexão das construções narrativas de homens negros quanto à vivência da sexualidade. A partir desta discussão, são levantadas as seguintes indagações: *como estes sujeitos se percebem? Como ocorre a construção identitária da homossexualidade e da negritude? Em que momento e em quais situações as identidades negra e homossexual se complementam para suas percepções enquanto sujeitos?*

### **Significações da homossexualidade ao longo da história**

A homossexualidade, termo derivado do grego *homo* (igual, comum, semelhante) e *sexus*, que significa sexo, exprime tanto a ideia de semelhante, igual, análogo ou semelhante ao sexo que a pessoa objetiva ter, como significa a sexualidade exercida com uma pessoa do mesmo sexo (Reinke et al., 2017). Esta expressão e seus derivados vêm, ao longo dos tempos e nas diferentes culturas, adquirindo significações distintas, porém, os sentidos mais atribuídos são de punição, vergonha, segregação e violência contra as pessoas que não se enquadram nos padrões da heteronormatividade (Molina, 2011).

Apesar de tais definições, a homossexualidade nem sempre foi vista desta forma; povos da antiguidade, como os gregos, encaravam o relacionamento entre pessoas do mesmo gênero como algo inerente ao ser humano (Reinke et al., 2017). As relações homoeróticas na Antiga Grécia eram permeadas pelo pensamento de ser uma atividade de poder masculino e de aprendizagem da masculinidade. Elas tinham o sentido de relacionar-se com alguém semelhante física e intelectualmente (Vieira & Peres, 2015).

Além da busca pela plenitude visada nessas relações entre iguais, havia um caráter pedagógico: a iniciação da vida sexual do homem jovem, entre 12 e 18 anos, era feita com um homem adulto. Meninos pertencentes a famílias nobres, ao entrarem na adolescência, eram encaminhados para ficar sob os cuidados de homens mais velhos, considerados sábios e guerreiros (Dieter, 2012). Tal relação era aceita socialmente e recebia o nome de *pederastia*. O jovem era denominado *eromenos* e o homem adulto, *erastes*; ambas as palavras derivam do prefixo *Eros* que significa amor (Vieira & Peres, 2015).

Na Roma antiga, as relações sexuais entre dois homens eram encaradas com naturalidade, embora o termo utilizado não fosse “pederastia”, mas sim “sodomia”. O termo, originado de uma conotação bíblica, era utilizado para descrever o relacionamento sexual entre dois homens, apesar de ser utilizado para designar perversões sexuais, especialmente o sexo anal praticado tanto por homossexuais quanto por heterossexuais (Dieter, 2012).

Nas antigas sociedades grega e romana, as relações homossexuais eram regidas por normas sociais específicas. Na Grécia, a liberdade da pederastia foi condicionada à ocorrência entre um homem mais velho e um jovem, cujas famílias detivessem prestígio social. Outrossim, em ambas as sociedades, a passividade na relação homossexual era percebida como uma fonte de vergonha social, pois a confiança masculina estava ligada à sua virilidade e à sua masculinidade (Reinke et al., 2017). O sujeito que assumisse o polo passivo da relação era associado à inferioridade, reservando-se esta posição às mulheres, aos escravos e rapazes (Dieter, 2012).

No fim do Império Romano, a sodomia tornou-se uma violação do ideal cristão. Anteriormente, a partir de Justiniano, em 533 a. C., a relação entre as pessoas do mesmo sexo passou a ser punida com a fogueira e a castração, sendo vista como um ato não aceito por Deus. Passou-se a predominar atos sexuais entre homens e mulheres, surgindo o casamento e a família (Eskridge, 1993). Entre os séculos V e XV, período da Idade Média, as questões relacionadas à sexualidade e à homossexualidade sofreram influências religiosas a partir dos dogmas da Igreja Católica. A religião passou a estabelecer o que é normal e anormal na prática sexual de homens e mulheres. Qualquer atividade sexual que fosse contra a ordem de “crescei e multiplicai-vos” era tida como transgressora, profana (Reinke et al., 2017). Ademais, tinha-se o pensamento da relação sexual entre pessoas do mesmo sexo como algo imoral e bárbaro (Vieira & Peres, 2015).

Por volta do século XVIII, a medicina reinterpreta a homossexualidade como doença, patologizando-a, sendo chamada de homossexualismo (sufixo “ismo” designando doença). Nesse pensamento, existia a possibilidade de se diagnosticar o homossexualismo a partir de um exame clínico, pregava-se a cura e a ideia de contaminação dos “normais”, o que reforçava o pensamento de anormalidade (Reinke et al., 2017). Apenas no século XX, no ano de 1990, foi que o homossexualismo saiu da lista de doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS), deixando-se de utilizar o termo “homossexualismo” para usar-se “homossexualidade”.

Mesmo com os movimentos sociais, com a maior visibilidade e com a sua despatologização, a homossexualidade ainda é vista como algo anormal, profano, que vai contra a heteronormatividade imposta. Embora haja avanços significativos, oriundos de lutas sociais, persiste a expectativa de que as uniões sejam predominantemente heterossexuais, contribuindo para uma visão negativa das relações homossexuais. Conforme Vieira e Peres (2015), esse cenário propicia o aumento do preconceito, da homofobia e da incidência de violência física e psicológica contra indivíduos que vivem sua orientação sexual fora do espectro heterossexual.

### **Homossexualidade e Psicanálise**

Antes dos delineamentos freudianos, estudiosos do fim do século XIX focalizaram a sexualidade como fator determinante e fundamental no comportamento humano. Até meados de 1850, não existia o termo “homossexualidade”. Certamente, homens e mulheres mantinham relações sexuais/amorosas com pessoas do mesmo gênero, mas essas relações não eram vistas como determinantes de suas identidades. A essas pessoas eram atribuídas expressões pejorativas, como sodomitas, pervertidos ou invertidos. Em 1860, o médico austro-húngaro Karoly M. Benkert (1824-1882) utilizou o termo “homossexualidade” (Marques, 2010).

Alguns pesquisadores desta época, como Hirschfeld (psiquiatra alemão: 1868-1935), Carl Heinrich Ulrichs (advogado e teólogo alemão: 1826-1895) e Carl Westphal (neurologista alemão: 1833-

1890), apresentavam análises guiadas pela religião e política, o que resultou na patologização de algumas orientações sexuais, como a homossexualidade. Porém, as considerações freudianas sobre a sexualidade promoveram uma distorção do discurso biologizante sustentado pela sexologia (Marques, 2010).

Freud, em obras como *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), *O caso Schreber* (1911/2010) e *Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920/1976), apresenta a homossexualidade como uma posição libidinal, uma orientação sexual tão verdadeira quanto a heterossexualidade. Ele sustenta sua ideia partindo do Complexo de Édipo, baseado na bissexualidade original, na qual a chamada “escolha de objeto ou solução” vai se constituir. A pulsão sexual sem um objeto definido não estaria atrelada ao instinto, como no caso dos animais. No ser humano, o objeto da pulsão é plural, expressando-se por diversas vias (oral, anal, escopofílica, vocal, sádica, masoquista, por exemplo) (Quinet & Jorge, 2020).

Na leitura freudiana, há uma separação da estreita relação entre sexualidade e órgãos sexuais, em que a reprodução ficaria em segundo plano e o prazer seria o principal objetivo. Nessa perspectiva, a biologia, a moral, a religião e a opinião popular estão equivocadas em relação à natureza da sexualidade humana. A sexualidade é, em si, perversa, agindo em busca do prazer, fugindo de qualquer normatização, indo contra seu suposto objetivo natural – a procriação (Quinet & Jorge, 2020).

Os conceitos freudianos ganharam espaço mundialmente e, com Ferenczi, psicanalista húngaro, houve a fundação da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) (Marques, 2010). Ao longo de seu crescimento, a IPA sofreu divisões, caracterizadas por questões pessoais, teóricas e técnicas, o que afetou a visão de parte dos psicanalistas sobre a homossexualidade. Uma dessas divisões ocorreu em 1912, quando Ernest Jones criou o “Comitê Secreto” e, ignorando alguns aportes teóricos freudianos, escreveu uma carta a Freud relatando sua reprovação na admissão de um analista homossexual à sociedade.

Foi apenas em 1999, no Congresso da Associação Psicanalítica Internacional em Santiago, que a IPA se opôs a qualquer discriminação contra qualquer sujeito com base em seu gênero, origem étnica, crença religiosa ou orientação sexual. Jacques Lacan teve uma posição diferente dos apontamentos freudianos em relação aos homossexuais. Ao contrário de algumas sociedades psicanalíticas, que tinham a homossexualidade como um fator impeditivo ao exercício da psicanálise, Lacan recebia homossexuais para análise e aceitava-os como membros da École Freudienne de Paris. Para Roudinesco (2002), Lacan não entendia a homossexualidade como orientação sexual, defendia que sempre há uma disposição perversa em toda forma de amor e reconhecia o homossexual de uma maneira bem próxima a de Proust: um perverso, pois perverte o discurso dominante da civilização, indo contra a imposição da heteronormatividade.

As discussões sobre a temática persistem, não há uma convergência de ideias quanto à homossexualidade e à perversão, tanto no senso comum como na psicanálise (Quinet & Jorge, 2020). Apesar disso, ressalta-se que as obras de Freud são capazes de responder as críticas e as dúvidas no que tange à homossexualidade. Enfatiza-se que a orientação sexual homossexual se trata de uma escolha objetal e não de uma estrutura perversa ou de uma perversão sexual. Por se tratar de uma escolha de objeto na qual as pulsões sexuais serão direcionadas, homens podem escolher outros homens como objeto sexual e mulheres escolherem outras mulheres. Esse diálogo reforça a compreensão da sexualidade humana como um dos efeitos da constituição do sujeito, desprovida de padrões pré-estabelecidos a serem rigidamente seguidos (Couto & Lage, 2018).

### **Homem, negro e homossexual**

O negro, na cultura Ocidental, ainda é visto a partir de uma identidade marginalizada e inferiorizada que, ao longo da história brasileira, constituiu suas raízes a partir de variados grupos étnicos africanos. Tais grupos foram capturados e trazidos à força na condição de escravizados. Para manter esses sujeitos nessa condição, alimentou-se, no imaginário de uma cultura branca eurocêntrica, uma imagem do ser negro associada ao primitivismo, à selvageria e à vida sexual desregrada, excessiva e afluída (Côrtes & Souza, 2019).

Pensar no ser negro é refletir que este é escravo de sua aparição, que seu corpo aciona, com o menor dos contatos, representações positivas e negativas relacionadas ao lugar de escravizado. Espera-se que o homem negro seja superdotado de diversas habilidades corporais, como dança, futebol, força física, sexo e outras atividades, trazendo ideias racializadas que foram criadas pela sociedade colonial. Em uma sociedade racista, o homem negro traz a escravidão impressa em seu corpo e, com ela, os mais variados atributos pejorativos associados aos criados supermasculinos. Mesmo que ele não saiba disso, buscando significações e corporeidade, é assim que acabará sendo visto e terá que, de uma forma ou de outra, dialogar com essas expectativas (Faustino, 2014).

O sujeito negro é uma ideia criada pelo homem branco, que subjugou o africano à condição de escravo, definiu “negro” como uma raça, estabeleceu seu lugar na sociedade e os padrões de interação com esse sujeito. Assim, este indivíduo se configura como uma projeção do homem branco, sendo nomeado como tal e determinado por meio da violência física e simbólica. Sua ascensão estava e ainda está vinculada ao pertencimento racial, buscando escapar do grupo ao qual pertence, abandonando e renunciando a sua cor, identificando-se como branco (Fanon, 1952/2008).

Ao ler esse esquema colonial que apresenta o homem branco de forma narcísica, ideal universal e único detentor de *status* de sujeito, o homem negro não é considerado um homem, mas um indivíduo que se deve manter em cena como uma máquina do sexo e do trabalho. Ele é denominado “neguinho” e caracterizado de forma infantilizada como o arteiro e/ou serviçal, ou de

“negão”, caracterizado como ameaçador, fisicamente forte, dotado de genitália potente e excepcional capacidade sexual, sendo ameaçador ao branco. Como agravo, se esse homem negro é *gay* e não condiz nenhuma dessas expectativas, ele não é nada (Faustino, 2014).

Pensar no homem homossexual negro é perceber que este é um habitante de dois mundos distintos: a homossexualidade e a raça. A negritude dele é construída a partir da padronização da sua masculinidade, como negro heterossexual. Esse é tido como um herói, um homem inabalável, que protegeria os mais fracos (mulheres e crianças) e a si mesmo. Por outro lado, pode ser remetido a um ser animalesco, que aplicará sua agressividade e violência ao branco, que o humilha e o violenta, assim como contra aqueles mais frágeis a quem deveria proteger (mulheres e crianças).

Entretanto, o homem negro homossexual está em contraposição a essa visão: ele é visto como portador de um distúrbio moral, da alma ou da natureza, não sendo admitido neste padrão, é percebido como incapaz de proteger os mais fracos e de salvar a raça, portanto, passa a representar covardia, fraqueza e fragilidade, sendo considerado uma traição ao estereótipo sub-humano assimilado pelo próprio homem negro (Lima & Cerqueira, 2012).

Tal sujeito também experimenta uma negação dentro do próprio grupo. Os clubes, boates, imagens, mídia *gay*, propagandas, espaço de confraternização, sua perspectiva de poder e padrões de consumo têm como referência o homossexual branco. Ocorre uma afirmação da identidade que atravessa as perspectivas definidas por uma lógica de mercado voltada para o público branco, urbano, jovem, interligado a relações de trabalho e de produção definidas pela lógica branca, heteronormativa. Os homossexuais negros que conseguem entrar nesse mundo são conduzidos e induzidos a seguirem um referencial branco estadunidense e/ou branco europeu de identidade.

Os sujeitos que não detêm poder de consumo e/ou visibilidade, em função do racismo existente, encontram-se longe do padrão identitário aceito, inclusive no mundo heterossexual brasileiro “liberal”, que cede à pressão de aceitação, desde que estes homossexuais sejam brancos, embranquecidos e consumidores vorazes (Lima & Cerqueira, 2012). Como apontam os autores, evidenciar a fala desse sujeito, duplamente marginalizado, significa visibilizar suas ações sociais no sentido de se reconstruir para conseguir encontrar-se em dois universos: negro e homossexual, ambos marginais na sociedade brasileira.

## **Metodologia**

Este trabalho adota uma perspectiva qualitativa, cuja abordagem é caracterizada pela busca de uma compreensão das complexas relações constituintes da realidade social, na qual o sujeito envolvido no processo investigativo é considerado protagonista, o único capaz de narrar sua própria história. Em sua narrativa, o sujeito coloca-se em relação com o outro, expressando significados, crenças, valores e conhecimentos sobre eventos pessoais (Araújo et al., 2017). Cada sujeito tem uma



forma particular de se relacionar com o mundo, logo, este estudo possui um caráter compreensivo, com o objetivo de analisar as narrativas de sujeitos que se identificam como homens negros e homossexuais.

Para a construção das informações apresentadas neste estudo, foi utilizada a entrevista aberta, na qual optou-se por uma questão disparadora: **“Conte-me sobre sua vida e como ser negro e ser homossexual surgem nela”**. Os participantes foram convidados a contribuir com a pesquisa a partir de uma técnica conhecida como *bola de neve*. Essa técnica consiste em buscar, a partir das redes de sociabilidade do próprio pesquisador, sujeitos que apresentam as condições necessárias para contribuir com o objetivo do estudo (Vinuto, 2014).

As entrevistas foram realizadas com três participantes que se identificaram e se reconheceram como homossexuais e negros, com idades entre 18 e 26 anos, em um Serviço de Psicologia Aplicada de um Centro Universitário da cidade de Porto Velho – Rondônia, nos meses de abril e maio de 2021. O tempo total das entrevistas foi de 137 minutos. As entrevistas foram transcritas e incorporadas ao *corpus* de análise, os excertos delas foram identificados em itálico para destacar-se do texto corrente.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário (CAAE 45497821.0.0000.0013). Para garantir o sigilo e o anonimato dos participantes, estes foram identificados com nomes fictícios, conforme as Resoluções nº 510, de 07 de abril de 2016, e nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que regulamentam as práticas de pesquisa envolvendo seres humanos. Para esclarecer o objetivo da pesquisa, seus riscos e benefícios, bem como resguardar os direitos dos sujeitos envolvidos, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

As entrevistas foram realizadas com o objetivo de elucidar as regularidades de temas, dos quais, *a posteriori*, foram construídos blocos discursivos de análise, como recomendado pela análise do discurso, visando evidenciar questões que corroborem a proposta da pesquisa a partir de um recorte interpretativo. Orlandi (2012) evidencia que a análise do discurso não está interessada somente no texto como objeto final de sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao conteúdo. É através do discurso que o sujeito expressa sentidos, jogos simbólicos e transferenciais, dos quais não se tem total controle. Desta forma, processos inconscientes e ideológicos estão largamente presentes.

A partir disso, foram construídos os seguintes blocos discursivos: (1) Descoberta, revelação ou “escolha” de objeto sexual? (2) Relacionamento familiar e a influência religiosa, (3) “Ou você é um ou você é outro, não tem como ser os dois” – percepções do sujeito sobre ser negro e homossexual. Para melhor identificação dos participantes, apresenta-se uma breve descrição de suas histórias de vida seguida dos resultados e discussão.

### **Matheus**

Homem, negro, homossexual, 26 anos, identificou-se como *bicha preta*. No período da pesquisa residia com a mãe na região leste da cidade. Foi criado apenas por ela, com a qual manteve conflitos em relação à sexualidade. Participava como membro de movimentos sociais, principalmente relacionados ao movimento negro. Narrou ter sofrido diversas situações de violência e preconceito em sua vida, marcados pela homofobia e pelo racismo. Mantinha vínculos com religiões afro-brasileiras e bruxaria brasileira.

### **Paulo**

Assim como Matheus, Paulo se descreve como homem, negro, homossexual, 26 anos, que se identificou como *bicha preta*. Formado em pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia – seu estudo de conclusão de curso abordava a temática da sexualidade nas escolas – demonstrou ser participativo em movimentos sociais focados na sexualidade e em questões étnico-raciais. Criado em uma família evangélica, vivenciou, *a priori*, sua sexualidade de forma “natural”. Entretanto, relatou que foi expulso de casa após se assumir homossexual, sofrendo diversas consequências. No período da pesquisa, residia com seu namorado, na região sul da cidade.

### **Gustavo**

Homem, negro, homossexual, 21 anos. É tecnólogo e atuava na sua área de formação. Criado pela avó materna, sua infância foi marcada pela religião católica e evangélica, que influenciaram diretamente nas expressões de sua sexualidade. Relatou ter um bom relacionamento familiar, mas sua avó expressava não aceitar muito bem sua orientação sexual. Demonstrava esperança de que um dia houvesse pleno acolhimento de sua condição sexual. Sofreu diversas formas de preconceito, principalmente racismo. Residia com o namorado na região leste da cidade e, no momento da pesquisa, não tinha religião definida.

## **Resultados e Discussão**

### **Eixo 1: Descoberta, revelação ou “escolha” de objeto sexual?**

A presença do autopenconceito, autocrítica e autocondenação são fatores que se demonstram frequentes na vida de homossexuais e expressam que o indivíduo não fez esta “escolha” de forma consciente, mas que sua orientação sexual se impôs a ele (Quinet & Jorge, 2020). Ao escutar os sujeitos da pesquisa, estes reconstituíram reminiscências do encontro com esta dimensão da sexualidade:

*[...] eu sempre me entendia como uma criança diferente! Uma criança, hoje em dia, entre aspas, “viada”! Sempre me entendia, que meu jeito era diferente, jeito de andar era diferente, o jeito de portar as mãos era diferente, o jeito de falar era diferente [...]* (Matheus).

*Eu como... por ser um... um homem gay, eu comecei a perceber, com os meus 5/6 anos né? Quando eu comecei a sentir atração por outros homens. E eu... buscava reprimir sempre* (Gustavo).

Na psicanálise, as expressões do sexual estão ligadas aos processos de identificação e às escolhas de objeto. Tal processo é advindo da dinâmica edípica protagonizada pelas variabilidades pulsionais e de processos de simbolização do relacionamento do sujeito com o Outro. A sexualidade do indivíduo é sempre uma construção singular (Ceccarelli, 2017). O objeto sexual (objeto *a*) é “escolhido” a partir dos atributos dos outros que fizeram parte da história libidinal do sujeito. Esse objeto é aquele que desperta o desejo, encanta o indivíduo, o seduz e faz com que fale que tenha uma “Coisa” inexplicável que o atrai (Quinet & Jorge, 2020). Entre os entrevistados, o encantamento, a singularização do olhar são marcados por um sentir, a pulsão que se manifesta e que encontra um objeto com o qual se liga.

*Nossa! Por que que eu não paro de olhar pra esse homem né?! – Eu ficava vigiando praticamente o homem né. E sentia algo muito, muito forte, muito... que eu achava... isso é muito, muito diferente, eu achava muito, muito estranho, muito diferente (Gustavo).*

Em nossa cultura, percebe-se a patologização das escolhas de objeto (Ceccarelli, 2017). O ser humano não nasce sexualmente determinado, ele aprende e constrói sua sexualidade a partir do outro (Lacan, 1964/1985). Em nossa sociedade, espera-se que a heterossexualidade seja o padrão a ser seguido, então sexo, gênero e desejo deveriam corresponder a esta norma, excluindo e discriminando outras identidades, como a homossexualidade (Basso et al., 2020).

A partir disso, existe um conflito entre a escolha objetual e os impulsos pulsionais que devem corresponder às exigências da realidade – culturalização (Ceccarelli, 2017). Partindo do discurso dos entrevistados, tem-se o movimento de corresponder aos valores sociais impostos. Há a procura em se adequar ao modelo coerente com as práticas sexuais hegemônicas e à performance de gênero associada ao sexo masculino, reprimindo e negando a sua sexualidade, para enquadrar-se ao padrão aceito. Matheus e Paulo, ao narrarem suas trajetórias de construção das suas identidades, sinalizam que se impuseram vigilância e controle, tentando corresponder às *performances* de gênero:

*Aí, quando eu entrei na adolescência, mesmo ainda assim, um pouco afeminado, eu comecei a entender que eu poderia controlar isso né?! Pelo medo de me assumir e tal, tanto que eu poderia controlar isso de uma outra maneira, então comecei a me vigiar mais na questão do andar, comecei a ser “hétero”, entre aspas né, em vigiar a questão do andar, da roupa [...] (Matheus).*

*Eu tentei olhar para as meninas da mesma forma, mas eu não conseguia. Não conseguia me atrair. Me atraía assim, por amizade, por diálogo, por conversa, mas emocionalmente eu me identificava mais com homens (Paulo).*

O sujeito que vive a homoafetividade não raramente passa por um processo de aceitação de sua orientação sexual. Em um primeiro momento, percebe sua sexualidade de forma a se sentir diferente, gerando um sentimento de estranheza por não ser o indivíduo do sexo oposto a chamar sua atenção. Em um segundo momento, o desconforto é instaurado, desencadeando um conflito de

aceitação e negação do seu desejo, logo, de forma a reprimir sua pulsão. Esse conflito é manifestado através do medo e da insegurança de vivenciar sua sexualidade, o que acaba sendo um fator gerador de sofrimento ao sujeito. Por fim, se estabelece a aceitação e a revelação de sua sexualidade, constituindo um conforto em sua vivência.

Tais etapas podem ser justificadas por inúmeros fatores sociais existentes como, por exemplo, o sigilo da homossexualidade na família, no trabalho ou para ser incluído em um determinado grupo. Tal movimento alimenta a ideia de que os desejos homossexuais devem ser mantidos em segredo, em “sigilo”, em conformidade com as expectativas criadas de que as relações deveriam permanecer invisíveis publicamente, restritas apenas à vida privada. O homem “macho”, perante a sociedade, deveria deixar de lado sua sexualidade, impondo sua masculinidade, reforçando a opressão *gay* (Nascimento & Scorsolini-Comi, 2018).

Dentro da análise das narrativas de Paulo, é manifestado que o processo de “aceitar-se” homossexual foi fator determinante para a construção de sua identidade, para que ocorresse sua revelação a sua família, exibindo o desejo de viver sua sexualidade sem se esconder. Já no relato de Gustavo, a vivência de suas experiências afetivas e sexuais acarretou sua identificação como homossexual.

*Aí foi com 18 anos, e eu me aceitei com 18 anos também, que eu constituí realmente a minha identidade assim... pra mim primeiro... que eu era gay e depois pra minha mãe, depois pro mundo (Paulo).*

*[...] conheci esse menino, e comecei a namorar com ele. Assim no momento que eu conheci, eu já comecei a namorar. E aí, eu me... me identifiquei como gay né [...] (Gustavo).*

É comum que sujeitos homossexuais apresentem certos conflitos psíquicos durante o processo de construção de sua identidade, muitas vezes, devido à pressão para se conformarem e corresponderem às expectativas de gênero predominantes, e a homofobia, como violência física e psicológica existente, que pode levá-los a camuflar sua orientação sexual (Lima, 2021). O discurso predominante na sociedade tende a criar ideais a serem seguidos na tentativa de direcionar as pulsões. Logo, a “escolha” inconsciente de objeto por parte desses sujeitos é frequentemente rotulada como anormal pela sociedade.

Posto isso, a psicanálise não sugere a existência de um objeto sexual correto a ser escolhido, ela pensa na sexualidade como uma construção, e não como um processo inato ou dado pela natureza, o que promove uma ruptura epistemológica que visa despatologizar e evitar a padronização do fator sexual humano (Cossi & Dunker, 2019).

A sociedade, a partir da forma como reage com a pessoa homossexual, explicita sua fragilidade diante do medo do que é “incomum”. A pessoa prefere a dualidade das coisas, pois tal estruturação causaria menos temor. Ou seja, dividindo os sujeitos em homem e mulher, feminino e masculino, como

normas, se sente ameaçada frente ao público não seguidor de suas concepções. Esse medo é o que faz com que acabem excluindo sujeitos com propostas diferentes de existências e de *performances* do sexual (Basso et al., 2020). Logo, se faz necessária uma maior compreensão da diversidade da dinâmica que permeia as variabilidades das orientações sexuais e da pluralidade da sexualidade humana (Ceccarelli & Franco, 2012).

## **Eixo 2: Relacionamento familiar e a influência religiosa**

A família pode ser considerada como o primeiro núcleo estruturante e socializador com quem o sujeito tem contato. É uma entidade fundamental para fundar as bases identitárias do indivíduo. Trata-se de um núcleo social que pode ser considerado um ponto de apoio e amparo neste processo de construção da sexualidade, como também uma dificuldade a ser enfrentada, pois pai e mãe criam expectativas em relação à criança (“eu ideal”), de como esta deverá ser, agir e existir (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018). Nas narrativas dos participantes da pesquisa, depreende-se a complexidade enfrentada pelas famílias ao lidarem com a “descoberta” de um filho homossexual. O medo, a frustração e a intolerância emergem como sentimentos manifestados pelos familiares, conforma expresso pelos entrevistados.

*Ela era uma mãe extremamente conservadora e qualquer...qualquer desconfiança do meu jeito ou algum tipo de fofoca ou se ela me visse perto de algum menino, automaticamente, ela já partia para a agressão (Matheus).*

*A minha mãe já... também gritava o tempo todo que preferia não ter me tido, do que... do que eu ter nascido e... ter se tornado essa decepção (Paulo).*

*Ela me falou, ela sabia... ela imaginava né, percebeu, porque toda mãe, acho que percebe. Só que ela não queria comentar nada né, porque ela tinha ainda esperanças... Só que eu tive que sair de casa porque, ela... ela sabe, ela não me aceita totalmente ainda (Gustavo).*

O discurso familiar acaba sendo perpassado por valores culturais e religiosos que caracterizam a homossexualidade como um impedimento ao casamento e a netos, um comportamento “demoníaco”, promíscuo e associado a doenças. Tais aspectos remetem ao pensamento do senso comum de que a homossexualidade seria um comportamento de risco para a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018). Paulo e Gustavo, em suas narrativas, abordam essa questão: um sentir-se demonizado.

*[...] a minha avó dizendo que eu ia morrer aidético, a minha mãe dizendo que eu tinha que orar, que eu tinha que voltar para os caminhos do Senhor, que isso era do demônio, era possessão (Paulo).*

*No dia que a gente... no dia que eu me assumi e depois de alguns dias que ela veio tentar colocar na minha cabeça que era algo... demoníaco, por exemplo, que isso era só uma fase, que ia passar, que ainda tem esperanças né?! (Gustavo).*

Em nossa sociedade, as características sexuais acabam sendo consideradas determinantes para a vivência da sexualidade. A anatomia responde com os caracteres secundários do corpo, a fisiologia, as gônadas e os hormônios. A sociedade civil responde com uma série de condutas, como o modo de se vestir, de se portar, de desejar. Ao longo do tempo, em cada cultura são performados semblantes do que é ser homem e mulher, cujos comportamentos estão referidos a um certo modo de se produzir o gênero (Quinet & Jorge, 2020).

Por semblante, compreende-se como efeito, tanto no plano da imagem quanto no plano do discurso, que busca dar conta do lado insuportável da separação entre homens e mulheres, criando imagens, imaginários e performances (Lacan, 1971/2009). Dessa forma, os semblantes de *homem* e *mulher* designam que “homem é aquele que tem uma mulher” e “mulher é aquela que é de um homem” (Quinet & Jorge, 2020). Gustavo denota, em seu discurso, este posicionamento e associação da homossexualidade ao semblante feminino, por parte de sua família.

*A minha avó até hoje né – Você é homem, você não é mulher! (Gustavo).*

O excerto da entrevista põe em relevo que as normas de gêneros e as concepções de suas *performances* propagam um binarismo que referencia a forma de se pensar masculinidade e feminilidade. Logo, perpetua-se a ideia de que a prática heterossexual é o único fim para a vivência da sexualidade. Essa lógica advém da organização societal, através da imposição de normas reguladoras, que levam a civilização a estipular um único modelo de relação sexual, o heteronormativo monogâmico com fins reprodutivos (Durski, 2018). Assim, o homossexual teria um único destino: ser considerado anormal e sofrer com isso.

Outro ponto percebido na análise das narrativas é que os participantes Matheus e Paulo demonstram que as ideologias religiosas influenciam a vivência de suas sexualidades. Sujeitos homossexuais se compreendem como errados, logo, apresentam um clamor a uma cura e a um sofrimento por se sentirem diferentes:

*[...] porque eu sabia que eu ia para o inferno ou que Deus não me amava. Então eu vivia pedindo perdão, vivia clamando a cura – me cura por favor! – e chorava e chorava – por favor, me cura. Eu não aguento mais ser assim! Não aguento mais sentir desejo por outro homem, eu não quero cair [...]* (Matheus).

*Tanto que até nas orações eu perguntava [...] ... Nós perguntamos qual é o erro? Qual é... o nosso defeito?... Por que que a gente não pôde ter vindo igual os outros?! (Paulo).*

A religião e a ciência fazem com que cada indivíduo acredite que é uma “meia esfera” à procura de sua outra metade – do sexo oposto. A religião se mune do pensamento da perpetuação da espécie. Já a ciência se mune da anatomia como fator determinante para a posição sexuada, escolha de objeto sexual e performance de gênero (Quinet & Jorge, 2020). Ambas acabam moldando os *semblantes* do que é ser homem e mulher em nossa sociedade, com base em comportamentos, características

anatômicas e dogmas religiosos. Existências que fogem a esses pensamentos são anormais e devem ser “corrigidas”, “curadas” e evitadas.

Existem saberes sobre a sexualidade que ainda são guiados pela religião e ordem política. Tais saberes acabam determinando quais seriam os desejos e as práticas sexuais aceitáveis. Assim eram e ainda continuam sendo ditadas normas dos prazeres do corpo e da libido (Basso et al., 2020).

### **Eixo 3: “Ou você é um ou você é outro, não tem como ser os dois” – percepções do sujeito sobre ser negro e homossexual**

A construção do sujeito negro no Brasil é marcada por uma experiência sistemática de discriminação, preconceito e ofensa à cor da pele, o que gera um processo de dificuldade de identificação. Por não se reconhecer como tal, o negro não se identifica com seus elementos culturais, não afirma sua estética corporal e não se vê em elementos identificatórios na sociedade (Barreto & Ceccarelli, 2018). No processo de escuta dos sujeitos da pesquisa, eles reconstituíram memórias do contato com essa dimensão racial.

*E eu ouvia muitas palavras racistas [...] “preto do codó”, “macaco”, falavam muito do meu cabelo, que era um cabelo ruim, a cor da pele... [...] (Matheus).*

*[...] eu... descobri né, pelo fato de [que] eu sofri racismo, principalmente na escola [...] Um menino que não era nem meu amigo nem nada, me chamou de macaco né?! (Gustavo).*

Ser preconceituoso significa criar opiniões negativas antes mesmo de se obter informações necessárias para que se gere um julgamento parcial. Portanto, a discriminação é advinda do processo de civilização, do exercício do cotidiano, do mínimo de regras de convivência e de tolerância para o outro. O medo é um dos fatores gerados pelo preconceito, sentimento este que é vivenciado diariamente por sujeitos negros, que experimentam tal sentimento, por exemplo, diante de um policial, de um segurança, de um recepcionista e de todos aqueles cuja função é barrar o acesso, seja em locais públicos ou privados (Barreto & Ceccarelli, 2018). Entre os entrevistados, esse medo é marcado pelo olhar suspeito, pela desconfiança, uma visão marginalizada.

*O homem negro não entra no supermercado. E ele automaticamente é visto como aquele que é suspeito (Matheus).*

*As pessoas falam – Quem tem medo de polícia é bandido! – Mas não, né?! Outros tipos de pessoas que têm que ter medo da polícia, é o ... é as pessoas pretas. Porque, ninguém da polícia está ao seu lado né, pra defender e a polícia é muito preconceituosa e racista (Gustavo).*

A identidade negra se constrói na resistência do povo contra toda e qualquer forma de preconceito racial. Essa consciência vem à tona através de sentimento de pertencimento, identidade coletiva e ações políticas que promovem interações, conhecimento e valorização dessa identidade (Mizael & Gonçalves, 2015). Nesse sentido, a identidade negra ou um sentimento de negritude acaba

indo contra uma lógica negativa, levando a uma sensação de orgulho e de pertencimento, como é expresso no discurso dos entrevistados.

*Entrei em um grupo de pesquisa [...] estudando, eu fui entendendo mais desse universo [...] o poder dessa interseccionalidade, o poder de um aquilombamento né?! Aquilombamento tem a ver com... com... é.. esse poder que os negros têm de se juntar e se curarem. O poder do amor afro que é essa cura que a gente traz quando a gente se une, quando a gente se reúne, quando a gente estuda sobre os nossos antepassados, estuda formas de resistir (Matheus).*

*Mas depois de um tempo, de uns 4 a 5 anos pra cá, que eu vim conhecendo, que eu vim me identificando, fazendo com que isso seja uma luta pra mim, pra eu buscar mais respeito.... pela minha cor [...] (Gustavo).*

Matheus e Gustavo compartilham um processo significativo de reconhecimento de sua identidade negra, marcando suas vidas de maneira significativa. A participação ativa em grupo de pesquisa e a união com outros sujeitos negros emergem como elementos cruciais que se transformaram em espaços de subjetivação e retribuição de sentidos, especialmente em relação à vivência desses homens como negros. Esses relatos instigam uma reflexão profunda sobre a construção da identidade de homens negros em uma sociedade que, por vezes, entende o embranquecimento como a única alternativa aceitável. Os sujeitos enfatizam que esse processo identitário não ocorre de forma isolada, mas envolve questões psicológicas, sociais e afetivas, evidenciando uma interseccionalidade intrínseca.

Ao considerar a interseccionalidade, conceito que destaca a sobreposição e a interconexão de diversas categorias de identidade, como gênero, raça, classe social e orientação sexual, percebe-se que as experiências individuais não podem ser compreendidas de maneira isolada. Esses fatores operam de forma interligada na construção do “Eu” desses indivíduos, moldando-os como sujeitos culturais e políticos (Pereira, 2021). Essa interseccionalidade, como abordada nos relatos de Matheus e Gustavo, amplia a compreensão das complexas dinâmicas envolvidas na formação da identidade em um contexto social diverso.

Ao longo do processo de análise das narrativas, verifica-se que o homem negro, além das dificuldades enfrentadas em relação a cor de sua pele, perpassa a normatização criada do seu corpo, da sua sexualidade e do seu gênero. Este sujeito é percebido segundo sua raça, morfologia, sexo e etnicidade. A psicanálise não desconsidera os efeitos desses determinantes sociais sobre o sujeito, propõe uma leitura em que este se constitui a partir dos efeitos da sua relação com o Outro e com os outros, como efeito da linguagem, que o desnaturaliza. Além disso, considera que esse mesmo sujeito é atravessado pelas relações normativas da heterossexualidade, logo, a construção de gênero, masculinidade e desejo encontram ancoragem nas determinações sociais, nas quais as fantasias e as pulsões da sociedade se forjam (Cossi & Dunker, 2019). Dentre os entrevistados, Matheus e Gustavo esboçam ter consciência dessa padronização, denotando uma masculinidade exacerbada, reduzindo



o homem negro ao seu falo (órgão sexual), seu porte físico e sua força. Matheus exhibe ainda a retirada da fragilidade emocional deste sujeito, que deve se manter sem demonstrar sentimentos. Esta lógica leva à reflexão da negação do sofrimento a este indivíduo, como um fator que não pode existir.

*Ele precisa ser o forte, ele precisa ser o bem-dotado, sexualmente falando. O homem negro ele não pode ser sensível, ele não pode chorar (Matheus).*

Diante disso, a construção de gênero do homem negro é feita a partir desses dados ditos “naturais” ao seu corpo. É a partir do “outro”, que dita as distinções entre os sexos e como homens e mulheres devem se comportar, que o semblante do homem negro é reduzido ao seu pênis, como uma forma de assegurar que este indivíduo possa ser caracterizado como homem (Cossi & Dunker, 2019). A negritude deste sujeito é construída a partir da cis-heterossexualidade hegemônica. Se o sujeito é homossexual, espera-se que ele também corresponda com uma *performance* masculinizada e hipersexualizada, sendo o ativo na relação, o “macho penetrador” (Oliveira, 2020).

Entretanto, apesar de, no corpo teórico deste estudo, o semblante elucidado ser o do homem negro parrudo e viril, durante seu desenvolvimento, o que se encontrou foram semblantes diferentes. Matheus e Paulo se identificaram como “*bichas pretas*”, por não corresponderem ao modelo de masculinidade que é imposto. Tal *performance* é entendida, em nossa sociedade, como uma masculinidade dissidente, pois acaba evocando um “não lugar”. A masculinidade dissidente da “*bicha preta*” confronta a masculinidade universal e é considerada uma afronta que deve ser ridicularizada, diminuída, escondida, controlada e negada. É aquela que não é suficientemente macho para ser “*negão*” e, automaticamente, é incapaz de ser *gay* (Hilário & Pereira, 2020). Nas narrativas colhidas, é possível observar o sentimento de desmerecimento e estranhamento que os participantes sofrem por exibirem uma outra variação de *performance*.

*Bicha preta é sinônimo de estranho. Os artigos que a gente lê sobre bicha preta no Brasil, a gente vê que a bicha preta é sinônimo de estranho. Aquilo que não pode... ter! É estranho, é alguém maluco (Matheus).*

*Ou você é um ou você é outro, não tem como ser os dois (risos). Ou você tem que ser negro ou você tem que ser nego, negão, padrão, que é o aceito, aquele bruto, latino ou o que fica com os gays só pra... perdão pela palavra, “esfolar o cu dele” [...] Você não pode tá aqui na média, você não pode ser a média dos dois, ou um ou outro (Paulo).*

Apesar da percepção desta desqualificação por parte dos entrevistados, é importante reiterar que o semblante da *bicha preta* é apenas uma variação de formas de existência e *performance* do masculino. A *bicha preta* seria apenas uma dessas diversas formas de existir. O demérito atrelado à *bicha* está baseado nas normas e ideologias sociais, por esta *performance* não corresponder ao padrão de masculinidade hegemônico existente, que acaba não contemplando todos os sujeitos e as identidades do ser e torna-se homem, assujeitando, desumanizando e coisificando a *bicha preta* e os indivíduos que fogem à regra instituída (Hilário & Pereira, 2020). Apesar de tal pontuação, dentre os

entrevistados, Paulo exhibe o desejo de corresponder ao semblante do homem negro, musculoso e viril, como uma forma de evitar o sofrimento que enfrenta por não corresponder a esta *performance*. Tal expressão faz refletir na nocividade que a normatividade traz para a vida dos indivíduos.

*Não posso ser um homem negro musculoso... ai bem que eu queria! Me encaixar dentro desse estereótipo pra ter um pouco de passibilidade, mas infelizmente...* (Paulo).

Homossexuais exibem a vontade de serem aceitos e acolhidos não só por suas famílias, como também pela sociedade. Existe a busca por um grupo no qual se identifiquem, como a comunidade LGBTQIAPN+. Entretanto, mesmo sendo uma comunidade de indivíduos que vão contra as normas estabelecidas, também existe a presença de padrões e imaginários sociais que afetam diretamente a sexualidade e o corpo do homem negro. A comunidade também expressa a normatização do corpo e da masculinidade deste sujeito. Matheus e Paulo, em suas interações com a comunidade, exprimem um “não pertencimento”, um “não se encaixar” e uma desvalorização de suas existências.

*Então o homem negro não pode, dentro dos parâmetros sexuais e de ge...gênero da.... do LGBTQIA+ do homem negro, o homem negro ele não pode ser passivo – Como assim o homem negro é um homem gay passivo?! Como assim o homem negro é afeminado?! Então isso não e... não pode existir é... indiretamente assim no nosso meio né* (Matheus).

*Meu amigo me falava “tem que parar de ser assim, bicha!”, e ele [é] mais bicha que eu. E aí me falava pra mim deixar de ser bicha e eu falava “mas mana do céu, como assim?!” E aí foi quando eu fui me identificando, a comunidade, ela é muito preconceituosa, em relação aos nossos corpos, aos corpos que são assim* (Paulo).

Um ponto importante observado é o erotismo que permeia a construção dos corpos racializados. Este fator contempla as relações afetivo-sexuais dos sujeitos homossexuais, como se estes indivíduos apenas servissem para efetivação de um fetiche, de uma pulsão ou de um desejo, também reproduzindo o imaginário de que o indivíduo negro serve apenas para o sexo e não para relacionamentos duradouros. Isso porque as representações em relação ao seu corpo, gênero e sexualidade não lhe dão a possibilidade de tal *performance*. Tal lógica está enraizada no imaginário social, no qual o corpo deste sujeito é percebido apenas em termos de atributos e qualidades que devem ser explorados, reforçando e repetindo uma lógica colonial e hipersexualização que este homem negro sofre até hoje (Ribeiro, 2020). Nas análises discursivas, Gustavo demonstra a objetificação de seu corpo, em um sentir-se usado para suprir as necessidades sexuais do outro. Percebe-se o desejo de estabelecer um relacionamento afetivo duradouro, porém, ele é colocado no lugar de sujeito “inapto” para relacionamentos.

*Então, como eu era solteiro né, eu percebia que os caras só queriam ter relacionamentos sexuais comigo né?! [...] só queriam o relacionamento sexual, porque não me viam como uma pessoa apta pra ter um relacionamento* (Gustavo).

Seu corpo se torna objetificado, alvo de determinações impostas, como normas sociais, padrões e condutas. O corpo deste sujeito é construído para corresponder à realização dos desejos e das pulsões de nossa sociedade (Cossi & Dunker, 2019). É o corpo para a satisfação sexual, não para relacionamentos. Sendo heterossexual ou homossexual, que seja de forma hipersexualizada, representando o “macho” que lhe é imposto. Não se encaixando em nenhum destes semblantes, este sujeito é inexistente.

### **Considerações finais**

Os sujeitos entrevistados nesta pesquisa expressam o quanto sua sexualidade e sua etnia são marcadores participativos na concepção de suas identidades como indivíduos em sociedade e como essas demarcam as violências e resistências que enfrentam ao longo de sua vida. Percebe-se que a homossexualidade e a negritude, no processo de construção do sujeito, não aparecem de forma conjunta, são construídas de formas diferentes e se interligam ao longo da sua vivência. Ao perceberem que vivenciam uma existência e sexualidade fora dos padrões estabelecidos em sociedade, especialmente quando a cor de sua pele e o gênero suscitam uma representação performativa que difere do que é esperado e desejado, esses indivíduos muitas vezes se veem como um problema a ser solucionado. Essa percepção contribui para agravar as dificuldades e angústias daqueles que levam uma vida à margem das normas sociais.

Conforme abordado pelos diálogos propostos por este estudo, a forma como o sujeito se constitui a partir dos significantes sexo, gênero e sexualidade é subjetiva, singular. Cada sujeito estrutura esses elementos com base em suas escolhas objetais, relações interpessoais e linguagem, refletindo a natureza única e pessoal desse processo. Contudo, o corpo, o gênero e a sexualidade destes sujeitos são construídos e influenciados por uma estrutura normativa que regula o semblante performativo, as condutas, os atos e as maneiras de agir. Para nossa sociedade, a incoerência entre gênero, sexo, desejo e práticas sexuais tende a ser patologizada. Instaure-se uma dificuldade em assimilar que tais fatores são orientados pelas vicissitudes das pulsões, o que significa dizer que este fator não corresponde aos imperativos de reprodução. Portanto, tais fatores influenciam a forma como estes sujeitos lidam com a sociedade e como se percebem diante dela.

Grupos de psicanalistas, por um período, foram coniventes com práticas discriminatórias em relação aos homossexuais, cujos rastros desses discursos ainda perpassam as formações de analistas. Não se refuta que há escolas de formação em psicanálise mais conservadoras, que se fecharam a outras epistemologias e práticas. Há muitas psicanálises, mas tem-se identificado mais nas publicações em bases de dados brasileiras artigos, dissertações e teses que se utilizam de referenciais psicanalíticos, produzindo trabalhos cuja proposição é a desmitificação da sexualidade, apresentando-a como plural e despatologizando as diversas variantes da função sexual.

Aqueles que não se enquadram no modelo identitário predominante, o que inclui características como afeminado e negritude, continuam a ser marginalizados. Essa segregação resulta em um processo de violência coletiva, vivenciada pelos participantes desta pesquisa e por outros sujeitos homossexuais negros, bichas pretas, existentes em nossa sociedade. É uma realidade que destaca a urgência de visibilizar a diversidade dentro de todas as comunidades, independentemente de orientação sexual, identidade de gênero ou origem.

O reconhecimento de que há poucas pesquisas que integram sexualidade a questões étnico-raciais, no Brasil, reitera a importância de investir em novos estudos que explorem a interseccionalidade dessas vivências. É relevante mencionar que este estudo fez uma escolha de escuta de homens negros homossexuais e como estes constroem e vivenciam a sexualidade. No entanto, reconhece-se que não aborda todas as possibilidades de pesquisa, como a vivência da sexualidade e da negritude em sujeitos não homossexuais. O apelo por investimento em novos estudos é crucial para promover uma reflexão mais profunda sobre questões naturalizadas na sociedade. Essa reflexão é essencial para compreender as experiências desses sujeitos que sofrem efeitos nocivos de uma cultura normativa.

Além disso, são lançados questionamentos sobre: como a negritude, o gênero e a sexualidade são construídos em sujeitos não homossexuais? Homens negros homossexuais são atravessados pela normatividade diferentemente de homens negros não homossexuais? Como os fenômenos do racismo impactam a existência de homens negros homossexuais e não homossexuais? Essas questões emergentes são importantes para analisar em outras pesquisas os efeitos dos discursos racializados na constituição dos sujeitos.

### Referências Bibliográficas

- Araújo, C. M. de et al. (2017). O sujeito na pesquisa qualitativa: desafios da investigação dos processos de desenvolvimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33(1), 1-7. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/19506>
- Barreto, R., & Ceccarelli, P. R. (2018). Considerações psicanalíticas sobre preconceito racial: um estudo de caso. *Estudos de Psicanálise*, 50, 145-154.
- Basso, H.P. et al. (2020). Identidade de gênero e transexualidades na psicanálise: confrontação com o enigma que o outro é. *Revista Universo Psi*, 1(2), 52-75.
- Butler, J. (1990/2003). *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade* (22a ed.). Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2016). O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, 21, 219-260.
- Ceccarelli, P. R. (2017). Psicanálise, sexo e gênero. *Estudos de Psicanálise*, 48, 135-145.
- Ceccarelli, P. R., & Franco, S. (2012). Homossexualidade: verdades e mitos. *Bagoas – Estudos Gays: gêneros e sexualidades*, 4(05), 119-130.

- Conrado, M., & Ribeiro, A. A. M. (2017). Homem negro, negro homem: masculinidades e feminismo negro em debate. *Revista Estudos Feministas*, 1(25), 73-97. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Côrtes, R. de C. S., & de Souza, M. L. (2019). "A homossexualidade não era uma coisa que eu estava disposto a aceitar": narrativas de um estudante negro, gay e de classe popular. *ODEERE*, 4(7), 23-42. <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i7.5137>
- Cossi, R. K., & Dunker, C. I. L. (2017). A diferença sexual de Butler a Lacan: gênero, espécie e família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33(1), 1-8.
- Cossi, R. K., & Dunker, C. I. L. (2019). *Faces do sexual: fronteiras entre gênero e inconsciente* (1a ed.). Aller Editora.
- Couto, R. H., & Lage, T. dos S. (2018). Homossexualidade e perversão no campo da psicanálise. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 39(1), 35-52. <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2018v39n1p35>
- Dieter, C. T. (2012). *As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional*. Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM.
- Durski, L. M. (2018). Gênero e Psicanálise: além da dualidade "mulher" x "homem". *Gênero*, 19(1), 224-237.
- Eskridge, W. N. (1993). A History of Same-Sex Marriage. *Virginia Law Review*, 79(7), 1419-1513. <https://doi.org/10.2307/1073379>
- Fanon, F. (1952/2008). *Peles negras. Máscaras brancas*. EDUFBA.
- Faustino, N. D. (2014). O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In E. A. Blay (Org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher* (pp.75-110). Cultura Acadêmica.
- Freud, S. (1905/2016). *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos* (11a ed.). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1911/2010). *Obras completas, volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos* (11a ed.). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1920/1976). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Obras completas, volume 18. Imago.
- Fuck, B. B.; Rudge, A. M. (2018). Em torno da complexa articulação sujeito e cultura. *Psicologia USP*, 29(1), 1-9. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160153>
- Gross, J., & Carlos, P. P. (2015). Da construção da sexualidade aos direitos LGBT: uma lenta conquista. *Revista Eletrônica Direito & Política*, 10(2). <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rdp/article/view/7474>
- Hilário, R. A., & Dias Pereira, W. G. (2020). Bichas pretas afeminadas: do silenciamento na escola à solidão na vida. *REVES – Revista Relações Sociais*, 3(4), 03001-03011. <https://doi.org/10.18540/revesv3iss4pp03001-03011>
- Kon, N. M. et al. (2017). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Perspectiva.
- Lacan, J. (1964/1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar Editora.
- Lacan, J. (1971/2009). *O Seminário. Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Zahar Editora.
- Lima, V. M. (2021). Psicanálise e homofobia: o infamiliar na sexuação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 24(2), 397-420. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n2p397.9>

- Lima, A., & Cerqueira, F. de A. (2012). Identidade homossexual e negra em Alagoinhas. *Bagoas – Estudos Gays: gêneros e sexualidades*, 1(01), 1-17. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2262>
- Marques, L. R. (2010). As homossexualidades na Psicanálise. *Revista Trivium*, 2(1), p. 467-484.
- Mizael, N. C. O., & Gonçalves, L. R. D. (2015). Construção da identidade negra na sala de aula: passando por bruxa negra e de preto fudido a pretinho no poder. *Itinerarius Reflectionis*, 11(2). <https://doi.org/10.5216/rir.v11i2.38792>
- Molina, L. (2011). A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Antíteses*, 4(8), 949-962. <http://dx.doi.org/10.5433/1984-3356.2011v4n8p949>
- Nascimento, G. C. M.; Scorsolini-Comin, F. (2018). A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. *Temas em Psicologia*, 26 (3), 1527-1541. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>
- Oliveira, M. R. G. de. (2020). *Nem ao centro, nem à margem: corpos que escapam às normas de raça e de gênero*. 1. ed. Devires.
- Orlandi, E. P. (2012). *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 10. ed. Pontes.
- Pereira, B. C. J. (2021). Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, 21(3), 445-454. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.3.40551>
- Quinet, A., & Jorge, M. A. C. (2020). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. Atos e Divãs edições.
- Reinke, C. A. et al. (2017). Homossexualidade masculina e suas marcas na história. *Revista MÉTIS: história & cultura*, 16(31), 275-290.
- Ribeiro, M. (2020) “Eu decido ‘cês’ vão lidar com o king ou com kong” – Homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira. *Revista Humanidades e Inovação: corporalidades, narrativas e conhecimentos insurgentes: um dossiê em tempos de intersecções de crises*, 7(25), 117-134.
- Roudinesco, E. (2002). Pyschanalyse et homosexualité: réflexions sur le désir pervers, l'injure et la fonction paternelle. *Cliniques Méditerranéennes*, 65, 7-34.
- Vieira, É. D. & Peres, A. L. (2015). Percursos da construção da identidade de jovens adultos homossexuais. *Revista Psicologia em Foco*, 7(9), 33-59.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>